

**ESTRATÉGIAS PARA O LETRAMENTO
LITERÁRIO EM SALA DE AULA**

Carmem Cesarina Braga de Oliveira (UFAC)

carmembraga12@hotmail.com

Antônia Mikelce Souza da Silva (UFAC)

mikelce@gmail.com

Gisela Maria de Lima Braga Penha (UFAC)

gidilima7@gmail.com

RESUMO

O trabalho com a leitura do texto literário constitui um desafio que precisa ser (re)visitado como procedimento metodológico, visto que promove a construção dos sentidos, expressos nessa atividade regular de sala de aula. Além disso, é um movimento que articula diferentes estratégias para despertar no leitor o prazer e o envolvimento com o texto. Nesta abordagem, procedemos o relato de uma aula ministrada para uma turma de 9º ano, na qual executamos uma sequência de atividades com o conto “A coroa de orquídeas”, de Nelson Rodrigues. As experiências desenvolvidas nesta produção pretendem demonstrar possibilidades que combinam leveza e operacionalização, a fim de tornar a leitura uma prática motivadora, que referencie e aprimore os processos de ensinar e aprender. O aspecto central do planejamento foi a aproximação texto-leitor, compreendendo a literatura como aporte para diversas nuances do ser: ética, histórica, ideológica, social, estética, existencial, entre outras, bem como possibilitar a ressignificação e ampliação de saberes e experiências. O suporte teórico adotado foi Cosson (2006), com a sequência básica do letramento literário e Barthes (2007), com as três forças da literatura: *Mathesis*, *Mimesis* e *Semiosis*, na análise do conto utilizado. Aplicamos ainda considerações de Candido (2011), que enfatizou a literatura na sua tarefa de humanização, atribuindo ao indivíduo a condição de agente fundamental para a efetivação do princípio de humanidade. De outra parte, atua como legitimadora ou oposição, em suas diversas configurações, haja vista suas potencialidades em apoiar, denunciar, combater, incutir valores estético e ideológico, dentre outras possíveis representações e concepções.

Palavras-chave:

Estratégias. Literatura. Texto literário.

ABSTRACT

Working with reading the literary text is a challenge that needs to be (re)visited as a methodological procedure, since it promotes the construction of the senses expressed in this regular classroom activity. In addition, it is a movement that articulates different strategies to arouse in the reader the pleasure and involvement with the text. In this approach, we report on a class given to a 9th grade class, in which we performed a sequence of activities with the tale “A crown of orchids”, by Nelson Rodrigues. The experiences developed in this production aim to demonstrate possibilities that combine lightness and operationalization, in order to make reading a motivating practice

that references and refines the teaching and learning processes. The central aspect of the planning was the text-reader approach, understanding literature as a contribution to various nuances of human being: ethical, historical, ideological, social, aesthetic, existential, among others, as well as enabling the resignification and expansion of knowledge and experiences. The theoretical support adopted was from Cosson (2006), with the basic sequence of literary literacy and Barthes (2007), with the three forces of literature: Mathesis, Mimesis and Semiosis, in the analysis of the tale used. We also applied some considerations from Candido (2011), who emphasized the literature in its humanization task, attributing to the individual the condition of fundamental agent for the implementation of the humanity principle. On the other hand, it acts as legitimizing or opposing, in its various configurations, considering its potentialities to support, denounce, combat, instill aesthetic and ideological values, among other possible representations and conceptions.

Keywords:

Strategies. Literature. Literary text.

1. Introdução

Ler é uma atividade essencial para o ser humano, pois o introduz numa esfera privilegiada: a cultura letrada, a qual lhe possibilita o acesso a um vasto universo de conhecimentos e informações, que viabilizam envolvimento com as diferentes práticas de letramento, ultrapassando as que são caracteristicamente do âmbito escolar, ao mesmo tempo em que ampliam o seu universo cultural e suas interações.

Neste sentido, Magda Soares (2010, p. 21) enuncia uma fala bastante pertinente, quando enfatiza que “letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto, onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida [...]”.

Considerando esses pressupostos, podemos atestar que a leitura em sala de aula constitui um mecanismo importante para a aprendizagem e progressão do processo de letramento, iniciado desde a infância, e entendido como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos”, conforme salienta Kleiman (2004, p. 19). Outrossim, ler compreende a construção de sentidos e o compartilhar das experiências e perspectivas de mundo, produzidas ao longo do tempo, em múltiplos espaços de convívio (COSSON, 2006). O conjunto desses elementos perfaz um repertório e resulta no estabelecimento de um acervo próprio de cada indivíduo, no qual estão implícitas suas referências e interpretações, decorrentes das interações vivenciadas e leituras efetuadas. Esses variados movimentos irão estruturar no sujeito a condição de leitor proficiente, capaz de enten-

der o que lê, posicionar-se sobre e ainda assumir uma atitude crítica quanto ao que lhe for inquirido.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto [...] de tudo o que sabe sobre a língua [...] Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. [...] a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê: a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência. É o uso desses procedimentos que permite controlar o que vai sendo lido, tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, arriscar-se diante do desconhecido, buscar no texto a comprovação das suposições feitas. (BRASIL, 1998, p. 69)

A escola é o espaço da leitura por excelência, haja vista o seu papel como agência de letramento, colaborativamente ao acesso e contínua atividade que promove relativo a essa prática. Ademais, ler é uma ação que integra a realidade de todos repetidamente, nas diversas situações do cotidiano. Aliando esse elenco de aspectos, dentre outros, Neves (2011) destaca que é necessário “formar leitores [...] e o ato de ler precisa ser ensinado”.

Diante disso, emerge ainda o trabalho com o texto literário, que constitui objeto de ensino, abordado no eixo da leitura, segundo consta no Parâmetro Curricular Nacional de Língua Portuguesa para o 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental (BRASIL, 1998). No referido documento é orientado procedimento de execução do ensino a partir de gêneros, situados nesta dimensão e explicitados mediante um quadro sugerido, considerando o ano de escolarização.

Com base nestas conduções, empreendemos algumas discussões em torno de conceitos e concepções envoltos no âmbito das práticas que permeiam a formação e consolidação das habilidades de leitura, necessárias à construção do sentido do texto e sua aprendizagem, bem como apresentaremos uma aula vivenciada, na qual estão propostas diversas estratégias visando despertar o prazer da leitura, aproximando o texto de seu leitor, como enfatiza Barthes (1987, p. 23), enquanto denomina “Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura.”.

Utilizamos ainda para fundamentar a análise efetuada na obra es-

pecificamente selecionada para uma vivência com os alunos, a concepção barthesiana das três forças da literatura, a saber: *mathesis* – que acolhe os diferentes saberes presentes no texto literário; *mimesis* – a recriação da realidade, no contexto da literatura; e *semiosis* – o jogo dos signos, a plurissignificação presente no universo do texto literário.

No que concerne às atividades dispostas no momento da prática realizada, objetivamos suscitar algumas alternativas de atuação com o texto literário para empreender com o aluno em sala de aula, buscando arrebatá-lo para um envolvimento entusiástico diante da leitura, utilizando como suporte os estudos de Cosson (2006) e a sua sequência básica para o letramento literário. O anseio final é colaborar para dispor ao professor um catálogo de recursos e propostas metodológicas para sua prática docente, na ação que desenvolve com os seus alunos/leitores.

2. Literatura e leitura literária no contexto escolar

Em primeiro lugar, antes da abordagem que tematiza o tópico, evocamos o conceito de literatura, destacado por Candido (2011, p. 176) em *O Direito à Literatura*, que insere nesta esfera:

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 2011, p. 176)

Por este ângulo, explicita-se a concepção de que “a literatura é uma arte que utiliza, como modalidade de expressão, a língua – prática social que subjaz às interações humanas”. (ZINANI, 2012, p. 111). O referido pensamento é fortalecido por Todorov (2009, p. 76), quando se manifesta em resposta à indagação sobre a capacidade que envolve a literatura:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão, quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (TODOROV, 2009, p. 76)

Maia (1996, p. 46) assinala que o ensino de literatura precisa ter como substância central o texto, possibilitando ao seu leitor o desenvolvimento da criticidade através do conhecimento que terá acesso pelo ci-

tado instrumento, o qual manifesta-se para que o homem (re)conheça a si mesmo e ao mundo que o circunda.

Em se tratando da reflexão gerada pela literatura, desvela-se o autoconhecimento que o leitor experimenta, mergulhando em si e no seu universo intrínseco. De outra parte, o movimento inverso também é ativado, haja vista que “o sujeito experiencia a realidade de maneira direta e incorpora os dados obtidos a seu repertório, para utilizá-los posteriormente” (ZINANI, 2012, p. 111).

Na escola, a leitura dos textos literários, via de regra, acontece em atendimento a uma exigência do currículo, dentro dos estudos dos gêneros textuais, de modo que a atividade frequentemente realizada se concentra na perspectiva da interpretação e reconhecimento dos aspectos estruturais e linguísticos, que envolvem a produção lida.

Outro fator importante que permeia este âmbito é a própria escolha do texto/obra que, quase sempre, segue exclusivamente a preferência do professor, alicerçada no que estabelecem os documentos oficiais do sistema adotado, bem como o livro didático, que norteia as práticas docentes, conjuntamente. A associação desses dispositivos remete-nos à reflexão do que declarou Todorov (2009), ao enfatizar a antipatia ou mesmo rejeição dos jovens pela atividade da leitura, o que tem desencadeado, há algum tempo, o baixo desempenho na proficiência leitora dos estudantes.

Segundo dados divulgados pelo Ministério da Educação – MEC, em seu site, na página do INEP, os resultados da avaliação do SAEB 2017, demonstraram que o Brasil apresentou um total de 60,51% dos alunos de 9º ano com nível insuficiente de proficiência em Língua Portuguesa, enquanto 36,62% ficaram no nível básico e somente 2,87% atingiram o nível adequado. (BRASIL, 2019)

Com base nos dados mencionados, observa-se que é preciso centrar-se em elementos mais potentes, que possam contribuir para agregar a identificação do leitor com aquilo que se pretende propor que execute neste campo para, assim, potencializar sua competência leitora e envolvimento com o texto. Nesse sentido, Dalvi *et al.* (2013, p. 23) evidenciam que:

É importante confrontar os alunos com a diversidade do literário (cujo conhecimento afina os julgamentos de gosto): diversidade dos gêneros: ao lado de gêneros tradicionais (romance, teatro, poesia, ensaio), os novos gêneros (autoficção, história em quadrinhos, álbum); diversidade históri-

ca: obras canônicas, clássicas, fundadas em valores nos quais uma sociedade se reconhece, obras contemporâneas, literatura viva que lança um olhar sobre mundo de hoje; diversidade geográfica: literatura nacional, literatura estrangeira, principalmente as grandes obras traduzidas do passado e do presente, que se abrem para outras culturas e constituem lugares de compartilhamento simbólico na era da globalização. (DALVI *et al.*, 2013, p. 23)

O ensino nas escolas precisa ser canalizado para um veio que impulsiona essa dimensão da literatura como processo de comunicação, estimulando um contingente de leituras que desvelem e sensibilizem para o estudo do texto literário, com vistas a deflagrar os múltiplos sentidos que o mesmo absorve, ao mesmo tempo em que considere as estruturas conceituais existentes, a observação da narrativa, apreciação poética, a síntese presente e, por fim, sua articulação com o contexto. (ZINANI, 2002, p. 113).

É imprescindível conduzir o estudo da literatura pela leitura do texto literário e não através da história da literatura, como em geral se procedeu. Somente com uma mudança nessa tendência poderemos provocar a curiosidade dos leitores e envolvê-los na leitura, de modo que o texto possa tornar-se um dispositivo de contato, prazer, entretenimento, erudição, interesse, fruição, entre outros. Rangel (2009) enfatiza um pouco como se efetiva esse processo:

[...] o texto comporta uma concepção que não se esgota nele mesmo, mas no diálogo que provoca com o leitor. O diálogo será tanto mais produtivo quanto mais o texto puder possibilitar condições de identificação do leitor com ele, considerando que o autor, ao criar o texto, não tem objetivo de conformar o leitor, mas de tê-lo como coprodutor, parceiro, dando-lhe também possibilidades de criar outros textos. A obra, então, não é apenas um objeto que apresenta uma visão de mundo acaba, mas um espaço que pode contribuir na formação do leitor reflexivo. (RANGEL, 2009, p. 27)

Dessa forma, urge a mudança nos paradigmas do ensino da literatura em sala de aula, adotando o texto literário como fundamento central nos procedimentos de leitura e construção de sentidos.

3. O lúdico no texto literário

A despeito da abrangência da literatura e do que o texto literário pode ser/representar no que concerne à expressão do pensamento e construção de sentidos, deparamo-nos com o desafio de torná-lo agradável, envolvente e essencial no desenvolvimento da sociedade e das relações humanas. Neste sentido, um mecanismo que pode ser adotado para al-

cançar este propósito é utilizar a ludicidade como um dos componentes da leitura em sala de aula, considerando que através desse tipo de atividade “o educando explora muito mais sua criatividade, melhora sua conduta no processo de ensino–aprendizagem e sua autoestima” (Neves, 2007, p. 3).

O termo “lúdico”, de acordo com o que expressa o dicionário, provém do latim *ludus*, que significa jogo, divertimento, distração. Hui-zinga (2007, p. 24) retrata uma definição para jogo, em que o explicita como:

uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana. (HUIZINGA, 2007, p. 24)

No ensino, de modo mais frequente, associamos esta terminologia ao trabalho desenvolvido com crianças em fase inicial de escolarização, todavia, é viável o emprego de atividades nesse formato lúdico para todas as faixas etárias, sempre observando a sua adequação ao nível dos alunos com os quais se atua. Por proporcionar leveza e criatividade, a ludicidade como procedimento metodológico aplicado ao texto literário se configura em um suporte útil para a aprendizagem dos conceitos e conhecimentos nele envolvidos. De outra parte, a plurissignificação do texto literário favorece a inserção de estratégias dessa natureza, considerando que contribuem para uma maior motivação e interação do aluno quanto à leitura que se propõe.

Friedmann (1996, p. 41) evidencia a repercussão de uma prática conduzida por esse movimento:

Os jogos lúdicos permitem uma situação educativa cooperativa e interacional, ou seja, quando alguém está jogando está executando regras do jogo e ao mesmo tempo, desenvolvendo ações de cooperação e interação que estimulam a convivência em grupo. (FRIEDMANN, 1996, p. 41)

D’Onofrio (2005, p. 23) salienta, entre as funções da literatura, a estética e a lúdica, ambas preponderantes na constituição do sentido do texto literário, haja vista que cooperam para suscitar no aluno o prazer pela leitura, enquanto exploram diferentes formas literárias e jogos lúdicos por meio de efeitos estéticos e jogos de palavras (sonoridade), entre outros.

Evocamos Cândido (2004, p. 172), em uma reflexão pertinente, na qual destaca que as produções literárias, nas suas diferentes configura-

ções, atendem os quesitos essenciais do indivíduo, em todas as suas dimensões e contornos, especialmente no que tange às suas representações que, de modo geral, ampliam nossos conhecimentos e construtos.

4. Uma proposta didática (e lúdica) de leitura literária na escola

A orientação didática da leitura literária na sala de aula sempre constitui um desafio para o professor do ensino fundamental. De fato, o trabalho de ensino de leitura já é, em si, desafiador, mas devemos reconhecer que, ao se tratar do texto literário, as dificuldades podem tornar-se ainda maiores. Seja porque na literatura, como indica Cosson (2017, p. 52), os meios e as formas assumidas pelo discurso literário [...] tornam o texto literário um espaço complexo e multifacetado”; seja pela própria tradição do ensino da literatura na escola, que reduz a riqueza de sentidos, formas e funções do texto literário exclusivamente ao contexto de estudo de leitura e escrita ou da historiografia dos períodos literários.

Não é raro o desinteresse de alunos pelas aulas de literatura. Em geral, essas aulas são consideradas enfadonhas, monótonas e com pouco ou nenhum significado para a vida do estudante-leitor. Na contramão dessa tradição didática e com vista à superação do desafio já explicitado, sugerimos aqui uma sequência de atividades de leitura do conto “A coroa de orquídeas” de Nelson Rodrigues, para ser desenvolvida no 9º (nono) ano do ensino fundamental. Nesta proposta, procuramos aliar conhecimentos e metodologias que considerem, basicamente:

a) a interação do leitor com o texto, priorizando como forma de estimular a participação da turma a utilização da leitura protocolada – um método estruturado de aula apontado por Cosson (2017), para estabelecer um maior diálogo entre os envolvidos no processo de leitura, tendo o professor como mediador entre o leitor e o texto para facilitação do entendimento ali manifesto, que se realiza por meio de inferências e explícitos. Nesse método, planejam-se pausas durante a leitura do texto, para a realização de predições, de discussões, de inferências e de verificações acerca do que se deduziu;

b) a aplicação de estratégias didáticas de leitura que colaborem para a compreensão do texto, como as propostas por Solé (1998): a ativação de conhecimentos prévios, a definição de objetivos da leitura, o estabelecimento de previsões sobre o texto ou partes dele, a mobilização de compreensão por meio de inferências locais e/ou globais, bem como o

reconhecimento da ideia global do texto;

c) a proposição da sequência básica do letramento literário, sugerida por Cosson (2016), a qual se constitui em quatro passos: a *motivação*, que visa estimular o aluno para iniciar a leitura do texto; a *introdução*, cujo objetivo é apresentar o autor e a obra, a *leitura*, que prevê mediação e intervenção pedagógica do professor e a *interpretação*, que parte do entrelaçamento dos enunciados para a construção de sentidos em um diálogo estabelecido entre os participantes no processo de leitura: autor e leitor/ turma/comunidade;

d) a literatura representada pela visão de Barthes (2012), a qual se constitui em três forças libertárias: a *Mathesis*, que se refere à presença de múltiplos saberes no texto literário; a *Mimesis*, que remete à tentativa de representação da realidade; e a *Semiosis*, que alude à arte do dizer, ao jogo de entretecimento das palavras, típico da literatura.

Em tal perspectiva, faz-se imprescindível mencionar o motivo que conduziu à seleção do texto de Nelson Rodrigues. O conto “A coroa de orquídeas”, como os outros contos da antologia intitulada “A vida como ela é”, apresenta uma combinação de conhecimentos históricos, socioculturais de uma época, da sociedade típica dos anos 50, aspirando a representação dessa realidade. Quanto à linguagem, possui uma articulação discursiva acessível, uma trama bem elaborada, ao passo que se configura em uma estrutura textual singular, que mais se assemelha a um roteiro teatral, diferenciando-se das estruturas canônicas do gênero conto. Estas e outras características do referido texto correspondem à presença das forças libertárias da literatura que são defendidas nesse artigo, assim como a possibilidade de propiciar deleite, reflexão e transformação – três importantes qualidades do texto literário indicadas por Iser (1996).

4.1. Sequência de atividades de leitura literária

Público-alvo: 9º ano

Conto: A coroa de Orquídeas

Autor: Nelson Rodrigues

Atividade 1: Motivação

a) Apresentação dos objetivos da atividade:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Hoje iremos participar de uma aula de leitura, que tem como objetivo a apreciação do texto literário, de sua linguagem, de suas estratégias de construção do enredo e de sua relação com a vida em sociedade.

b) Procedimento de motivação:

Antes, porém, que façamos a leitura, trouxemos uma adivinha, que pode nos ajudar a descobrir um importante elemento do texto que leremos.

c)

Cruzadinha: O que é?... O que é?...

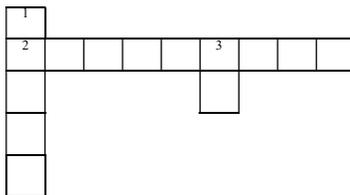
1) Está na cabeça do rei, na cabeça da rainha e sobre o caixão do defunto.

Representa a glória suprema, mas também a morte terrena. O que é?...

2) Esta não é de ouro, nem de prata, tampouco de espinhos.

Feita da flor mais delicada, tão rara quanto diversa em formas, tamanhos e cores. Que flor é?...

3) Com duas letras apenas faz-se uma forte aliança entre outras palavras. É origem e é pertença. Que palavra é?



d) Indicação da resposta da adivinha, projetando a imagem no quadro.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Agora, observem a fotografia.



- e) Após expor a imagem de uma coroa de orquídeas, perguntar:
- *Era o que imaginavam?*
 - *O que este objeto representa para nós?*
 - *Em que situação da vida ele costuma ser utilizado? Com que fim?*

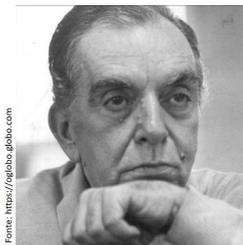
Atividade 2: Introdução

- a) Apresentação da obra e do autor para mobilizar conhecimentos prévios acerca do contexto de produção:

O texto selecionado para a nossa aula de hoje foi o conto “A coroa de Orquídeas”, do escritor e dramaturgo Nelson Rodrigues. E fora escolhido entre os textos do livro que apresenta contos da série “A vida como ela é”. Vamos conhecer um pouco da vida e obra do autor. (Apresentar informações técnicas do livro – ilustrações, edição, sumário, etc. – e uma breve biografia do escritor, citando informações que tenham relação direta com o contexto de produção do conto).



O livro



O autor

Atividade 3: Jogo de predições e checagens



- a) Informação à turma sobre a realização de um jogo de apostas, que será feito em três rodadas. (Apresentar o cartaz com a imagem de uma roleta e as fichas-tarjetas coloridas);
- b) Como a atividade do jogo será em grupo, organizar a turma em trios e entregar uma ficha-tarjeta de cor diferente para cada grupo, a cada nova rodada;
- c) Orientar que, a partir do título e das informações prévias sobre o conto e o autor, registrem uma aposta sobre o que o grupo imagina que acontecerá no texto. Em seguida, instruir que cada grupo leia sua aposta, ao colocá-la na roleta.

Atividade 4: Leitura

- a) Entregar cópias do texto aos alunos para realização a leitura silenciosa e, em seguida, a colaborativa, sob a mediação da professora.
- b) Realizar pausas estratégicas a cada subtítulo para promover novas antecipações e checagens de hipóteses:

• **Primeiro subtítulo: Dor autêntica:**

– Até aqui, o que imaginavam sobre a história está se concretizando? O que acharam do personagem e de sua dor? Ela é de fato autêntica? E agora? O que poderá acontecer?

Ouvir as respostas e proceder a leitura normal do 2º subtítulo: Saudade.

• **Terceiro subtítulo: Câmara-ardente:**

– Pelos indícios que o texto apresentou até aqui, vocês continuaram com a mesma aposta, ou preferem mudá-la?

(Entregar novas fichas aos grupos)

– Ao final da parte, questionar: Há alguma informação que não entenderam até aqui? Vocês sabem ou entenderam o que seria câmara-ardente?

Sequenciar com a leitura colaborativa do 4º subtítulo: Às coroaas.

• **Quinto subtítulo: Surpresa:**

(Substituir essa parte do texto por uma lacuna) ler o subtítulo e informar que essa parte do texto foi suprimida propositadamente para que eles façam uma nova aposta. Mas, antes de procedê-la, deverão ler a última parte do texto.

• **Sexto subtítulo: Drama:**

Orientar todos a lerem o último subtítulo para descobrir o que

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

acontece no desfecho e deduzir o que aconteceu no momento anterior.

- O próximo momento inicia com o subtítulo drama. O que seria esse drama? A que drama se refere o texto?
- O que mais lhe chamou atenção nessa parte do texto? Que novo elemento foi acrescentado à história.

• ***A terceira aposta:***

- E agora, após ler o final do texto, quais serão suas apostas para o que pode ter motivado a brusca mudança de comportamento do viúvo?
- O que estaria escrito na legenda da coroa?
- Escrevam suas apostas, pensando no que pode estar escrito no fragmento que fora retirado do texto, relativo ao 5º subtítulo – Surpresa.

De que surpresa o texto está falando?

- c) Apresentação das apostas pelos grupos;
- d) Entrega do fragmento suprimido do texto (Surpresa).
- e) Leitura dos fragmentos escritos pelos grupos e revelação do grupo que mais se aproximou do conteúdo do texto. (Sugestão de premiação aos grupos: moedas de chocolate).

Atividade 5: Interpretação

- a) O momento da interpretação visa a percepção das forças libertárias do texto literário (*Mathesis, Mimesis, Semiosis*), mas também materializa um ato de construção de sentidos dentro da comunidade/turma. Por essa razão, nesse ponto, além da interpretação interna, dos indivíduos e dos pequenos grupos, precisamos valorizar as apreciações externas, coletivas, por meio do compartilhamento de inferências, de comparações, de verificações no texto, sem perder de vista a coerência com o teor textual.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Para isso, iniciamos apresentando um desafio diferente a cada grupo:

Grupo 1: Releia o texto, identifique e liste os principais comportamentos retratados nesse conto, que revelam atitudes humanas bastante comuns.

(Enfatizamos aqui que a *Mathesis* se referêcia pela caracterização do contexto histórico e social apresentados no conto, evidenciando esses dois saberes mencionados, além do aspecto cultural próprio da época retratada.

A *Mimesis*, por sua vez, se revela por meio da representação que se faz da vida e dos comportamentos humanos: dor, amor, solidariedade, medo, desconfiança, ira, revolta, traição, entre outros. Todas essas percepções ficam patente através da leitura do texto).

Grupo 2: O conto lido faz parte de uma antologia de textos da série “A vida como ela é”. O fato narrado no conto poderia representar alguma situação ocorrida na vida real? Cite exemplos.

(Novamente se verifica a *Mimesis* sobressaindo, conforme anteriormente indicado, em uma clara afirmação da representação do real).

Grupo 3: O que o grupo considera que, de fato, tenha causado tanta revolta no viúvo? Busque indícios no texto.

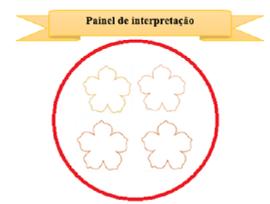
(Mais uma questão que procura explorar a *Mimesis* e que abarca também a *Semiosis*, quando utiliza o trabalho com a linguagem para narrar e descrever as situações geradas e emoções do personagem, destacadas no conto – o texto enquanto campo metodológico).

Grupo 4: Vocês concordam que houve adultério por parte da mulher? Que indícios do texto podem induzir à comprovação da traição?

(Outra vez resgatamos as três forças libertárias: *Mathesis*, *Mimesis* e *Semiosis* no conjunto de informações e contextos que envolvem a resposta a essa questão).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- b) Entregar tarjetas no formato de flores para que os grupos façam seus registros.
- c) Ao socializarem as respostas, expor as tarjetas com os registros em um “Painel de interpretação”.



Observação pedagógica:

É muito importante que durante o processo de checagem de hipóteses, o professor oriente os alunos a comprovarem suas inferências com base em pistas que o próprio texto apresenta. Os alunos precisam perceber que há limites que precisam ser respeitados nas interpretações, a fim de evitar equívocos e transgressões no que se entende do texto, durante o processo de exploração e extrapolação do seu conteúdo.

5. Considerações finais

A abordagem de ensino da literatura na escola a que nos propomos com este trabalho se alinha com as atuais proposições para que seja instaurada na escola uma educação literária, que não se limite a apenas usufruir da estrutura textual como pretexto para o ensino de leitura, escrita, gramática ou da historiografia literária, como tradicionalmente se fez na educação básica.

Tratamos aqui, com certa ênfase, de propostas metodológicas que não só motivem o interesse dos estudantes pelo texto literário, mas do próprio professor para um novo olhar sobre o ensino da literatura. Pretendemos, embasados pela teoria de Barthes (2012), Cosson (2016), contribuir para a desmistificação de paradigmas pedagógicos que priorizam métodos tradicionais, pouco significativos ou atrativos ao estudo e que *superficializam* o teor, a natureza e a finalidade do texto literário.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Nessa perspectiva, visamos à valorização da literatura no âmbito da sala de aula do ensino fundamental; sem, contudo, abandonar o trabalho de investimento em proficiência leitora, uma vez que nossa proposta é possibilitar que os alunos desenvolvam habilidades leitoras, como a de inferência, de apreciação estética, ética- e político-social do texto; extrapolando, assim, os limites da decodificação.

Acreditamos, portanto, que a combinação entre as indicações teóricas aqui referenciadas e o uso didático de estratégias de leitura e lúdicas possam favorecer pedagogicamente a formação de bons leitores. Mais do que isso, cremos que tal ajuste contribua para adaptarmos a educação literária escolar àquilo que a literatura é, efetivamente, fora da escola: um universo de possibilidades para ler e compreender o mundo!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do colégio de França*. Trad. de Izidoro Blikstein, de *Éléments de Semiotologie*. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

_____. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC, 1998.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: *Vários Escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2017.

DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita. *Leitura de literatura na escola*. [S.l: s.n.], 2013.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto*. V. 1. São Paulo: Ática, 2005.

FRIEDMANN, Adriana. *Brincar: crescer e aprender – o resgate do jogo infantil*. São Paulo: Moderna, 1996.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. 5. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Relatório SAEB [recurso eletrônico]. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2019. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkWI/document/id/6730262>. Acesso em: 12-10-2019.

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: Perspectiva de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

KLEIMAN, Ângela. O que é letramento. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B (Org.). *Os significados do letramento*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

MAIA, João Domingues. *Literatura: textos e técnicas*. São Paulo: Ática, 1996.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt *et al.* *Ler e escrever: compromisso de todas as áreas*. 9. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

NEVES, Olinda Roberto Neves. O lúdico nas interfaces das relações educativas. In: AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do; TEZZARI, Neusa dos Santos. (Orgs). *Cultura, leitura e linguagem: discursos de letramentos*. Porto Velho: Edufro, 2007.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. *Leitura na escola: espaço para gostar de ler*. Porto Alegre: Mediação, 2009.

SOARES, Magda Becker. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Armed, 1998.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

ZINANI, Cecil Jeanini Albert (Org.). *Transformando o ensino de língua e literatura: análise da realidade e propostas metodológicas*. 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2012.

ZINANI, Cecil Jeanini Albert; SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. Ensino da literatura: lugar do texto literário. In: ZINANI, C.J.A. *et al.* *Transformando o ensino de língua e de literatura: análise da realidade e propostas metodológicas*. Caxias do Sul-RS: Educs, 2002.

Site:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

http://portal.inep.gov.br/artigo//asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/saeb-2017-revela-que-apenas-1-6-dos-estudantes-brasileiros-do-ensino-medio-demonstraram-niveis-de-aprendizagem-considerados-adequados-em-lingua-portug/21206.